

**O VOO DAS ANDORINHAS: CONFLITO E ESTRATÉGIAS DE
NEGOCIAÇÃO DE IDENTIDADES EM UMA COMUNIDADE BOLIVIANA
EM SÃO PAULO**

Vanessa Generoso Paes¹

RESUMO

Este artigo analisa as negociações e os conflitos nas relações de parentesco de uma comunidade de bolivianos em São Paulo a partir da história oral de vida de uma família. Deste modo, a análise centra-se nos deslocamentos de imigrantes bolivianos buscando construir como foram erigidas as representações sociais dos papéis familiares por meio dos processos de subjetivação das experiências de vida resultantes dessa mobilidade. A metodologia escolhida para a composição das fontes utilizadas no artigo é o da história oral de vida, tal como desenvolvido pelo historiador José Carlos Sebe Bom Meihy. Acredita-se que esta perspectiva permite a construção de um *corpus* documental a partir das entrevistas, cuja análise nos permitiu compreender as micro histórias e os elementos que hoje definem e impulsionam os movimentos migratórios na América Latina. Os relatos foram analisados a partir de um diálogo entre as próprias narrativas e suas linhas de argumentação, bem como, com os conceitos de negociação cultural, identidade pensadas pela história contemporânea.

Palavras Chaves: Identidade, Negociação, Conflito, Imigração Boliviana

**THE SWALLOWS FLY: CONFLICT AND IDENTITY TRADING
STRATEGIES IN A BOLIVIAN COMMUNITY IN SAO PAULO**

ABSTRACT

This article analyzes the negotiations and the conflicts in the relations of kinship of a Bolivian community in Sao Paulo from the oral history of life of a family. Thus, the

¹ Doutora em História Social (2018). É pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO/USP). Tem pesquisado questões de política de migração no Brasil a partir da intersecção entre trabalho, gênero e direitos. E-mail: vanessa.narracao@gmail.com

analysis focuses on the displacements of Bolivian immigrants seeking to construct how the social representations of family roles have been erected through the processes of subjectivation of life experiences resulting from this mobility. The methodology chosen for the composition of the sources used in the article is the oral history of life, as developed by the historian José Carlos Sebe Bom Meihy. It is believed that this perspective allows the construction of a documentary corpus from the interviews, whose analysis allowed us to understand the micro-stories and the elements that today define and impel migratory movements in Latin America. The reports were analyzed from a dialogue between the narratives themselves and their lines of argumentation, as well as with the concepts of cultural negotiation, identity thought by contemporary history.

Keywords: Identity; Negotiation; Conflict; Bolivian immigration.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisa por meio das histórias de vida dos bolivianos², conflitos e a negociação de identidades permeada dentro de um grupo familiar de imigrantes bolivianos no Brasil. História oral de vida foi o gênero escolhido para realizar esta pesquisa, que se fundamenta nas construções narrativas do conjunto de experiências de vida de pessoas. Este gênero prioriza os aspectos gerais do comportamento social dos entrevistados, porém não se separa das questões que envolvem a vida social, cultural, econômica, política e religiosa de quem é entrevistado.³

Entendemos por migrante toda pessoa que se desloca, se transferindo de sua residência comum para outro lugar, região ou país, ou ainda sendo excluída do espaço comum e tendo restrita a sua perspectiva de reinserção no processo social produtivo⁴. Para Thomson, o fenômeno migratório tem se constituído em um campo vasto e fértil

² Os trechos das entrevistas utilizadas neste artigo encontram-se na íntegra na pesquisa de mestrado **Trânsito de Identidades e Estratégias de Negociação Familiar: deslocamentos populacionais entre a Bolívia e o Brasil**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. As entrevistas citadas no artigo foram transcritas e autorizadas.

³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História oral*. 5 ed., São Paulo: Loyola, 2005. P. 151.

⁴ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

para a pesquisa em história oral, pois “*o testemunho oral e outras formas de histórias de vida demonstram a “complexidade real do processo da migração” e mostram como estas políticas e padrões repercutem na vida e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades.*”⁵.

O mundo contemporâneo é atravessado por processos de mobilidade humana e, este fenômeno interfere na construção e reconfiguração das identidades dos sujeitos deslocados. Nesse âmbito, as sociedades ditas modernas são compostas por mudanças constantes, diferindo-as das sociedades tidas como ‘tradicionais’ onde, segundo Giddens “*o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes.*”⁶ Destarte, compreendemos que o posicionamento do crítico cultural Stuart Hall, ao escrever que as identidades

não são unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discurso, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.⁷

Pensar em identidades, assim, é refletir sobre relações entre indivíduos e grupos, posto ser uma categoria analítica que carrega disputas políticas em conflito e que, por vezes, se integram, sem aniquilar as diferenças e, em outros momentos, se refratam, construindo campos de poder. No referido trabalho foram abordados os processos históricos envolvendo um clã familiar boliviano (os Patzi), sua rede social e afetiva. Duas entrevistas foram realizadas com uma família transnacional que vive na Bolívia e no Brasil. Uma entrevista permitiu que visualizássemos a formação de uma rede de trabalhadores e donos de oficinas de costura em São Paulo. Duas nos levaram a uma rede de feirantes que trabalham na Praça Kantuta, em São Paulo, uma rede de

⁵ THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração.** In Rev. Bras. Hist., 2002, vol.22, no.44, p.341-364. ISSN 0102-0188. P. 344

⁶ HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** (Org.) SILVA, Tomaz Tadeu da. Woodward, Kathryn. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. P. 37-38.

⁷ Idem. Pg. 108.

intelectuais bolivianos e outra de retornados. As entrevistas foram analisadas a partir de um diálogo entre as próprias narrativas e suas linhas de argumentação temática.

2 CONFLITO E NEGOCIAÇÃO NAS RELAÇÕES DE PARENTESCO

As negociações de identidades foram demarcadas, na família Patzi, por conflitos e vínculos de solidariedade, mérito que não perpassa apenas essa família, mas que compõe as relações de muitas famílias brasileiras. O pai de Marta, o boliviano Victor Patzi, chegou a São Paulo com os três filhos bolivianos: Marta, Demétrio e Angélica e, depois de um tempo, casou-se com a mineira Aparecida e foi residir no bairro João XXIII, na zona oeste de São Paulo. Dessa união nascem duas filhas brasileiras: Arlete e Haidee que tinham idades para serem filhas de Marta, surgindo, assim, uma segunda geração de filhos dentro da família que até então era composta por bolivianos e que tinha como regra viver com os vínculos da cultura boliviana. Dado o fato do casamento e surgimento de outros filhos, novos laços afetivos foram construídos, e a reconfiguração da família e dos processos de negociação foi posta à prova. A contradição dos papéis sociais, a emancipação feminina, os micropoderes podem ser percebidos na esfera familiar como impulsionadores de conflitos no espaço doméstico desse clã. A narradora Marta falou sobre seus papéis familiares para cuidar dos irmãos:

Na época, trabalhava e minha irmã foi para a escola, meu irmão também. Juntamos um dinheiro e compramos um terreno grande no João XXIII. Ali também era mata fechada, hoje já tem muita construção. Minhas irmãs tiveram as casinhas delas lá. Ah, papai casou novamente no Brasil. Depois que eu completei 22, 24 anos. Ele casou na Aparecida do Norte e desse matrimônio teve duas meninas, Arlete e Haidee. Quando a minha irmã Arlete ia completar quinze anos, faltando quinze dias, morreu minha madrasta e me deixou as duas para acabar de criar. Papai ficou viúvo pela segunda vez e já não casou mais. (Marta).

Arlete explicou, em seguida, como se deram as negociações dentro das gerações do clã familiar, uma vez que ela e sua irmã Haidee tinham quase a mesma idade das filhas de Marta, quando adolescentes, e conflitos afloraram com maior intensidade.

Às vezes meu pai defendia a mãe perante as brigas com os filhos mais velhos, e às vezes ele brigava com ela também. Todos brigavam com todos: a Marta brigava com a Angélica, a Angélica brigava com os mais novos e o Demétrio começou a beber. O Demétrio sempre chegava bêbado em casa e não sei como era a relação dele com a minha mãe. Não tenho lembranças

deles juntos e conversando, mas conversavam, só que era muita briga, e a mãe aguentava tudo calada, quase nunca respondia, quase nunca falava nada. A Marta sempre falava um “monte” de coisa da mãe: que não sabia fazer nada, que deixava as filhas criarem umas crostas no cabelo, que eu usava uma touca que piorava a crosta e ela que tinha que tirar todas as crostas. A Marta vinha da casa dela para cuidar do meu cabelo. Ela diz que cuidou de mim, que ajudou a me criar, mas sabe que não consigo lembrar esses momentos. Ela ficava muito chateada porque não lembrava, achando que sou ingrata, porque ela sempre fala que cuidou de mim. Lembro da minha mãe, mas dela cuidando, não. Ou quando lembro, é dos episódios dela brigando com a minha mãe: “Por que não é assim que faz, por que não sei o quê.” Gosto muito da Marta, sei que ela ajudou a minha mãe, ensinou, mas não do jeito muito certo, mas elas brigavam demais e a gente cresceu nesse meio de conflitos permanentes. (Arlete).

Quando realizamos trabalhos de história oral a partir da perspectiva familiar percebemos os múltiplos argumentos que atravessam as configurações dos sujeitos. Além de entendermos as diferenças de visões de mundo que convergem para o cenário familiar, cada sujeito constrói sua explicação para determinados fatos do cotidiano; e, nesse momento, se instauram as divergências de posições. Arlete reflete sobre o postulado da irmã mais velha de que “cuidou dos irmãos menores”. Assim, é pela voz de Arlete, filha, que a voz da mãe reaparece no plano narrativo, cobrando explicações do seu assujeitamento e subalternidade.

Acho que a minha mãe sofreu muito depois que a gente mudou para cá. Dava meia noite e as filhas mais velhas batiam na porta do quarto dela: “Por que a minha calça jeans está manchada, por que não sei o quê?” A minha mãe lavava de todo mundo. Ninguém se responsabilizava por suas roupas sujas e, ao invés do meu pai ficar do lado da minha mãe, ainda falava: “É, porque tem que lavar direito, porque não sei o quê e tal.” O pai brigava com ela e era por coisas bestas. Imagine o pessoal bater na porta à meia noite para cobrar a roupa. É claro que estudavam e trabalhavam o dia inteiro. A Angélica que ia bater para reclamar; era muito chato, detestava. (Arlete).

O enredo cresceu quando Demétrio, o irmão, quase sempre deslocado de todos os espaços sociais, inclusive da família, entrou em cena, buscando interagir com a família boliviana brasileira.

O Demétrio chegava bêbado e o pai dizia: “Arlete, vai pegar um balde d’água.” Eu ia pegar e “pum” jogava no Demétrio. Ele era um boliviano bem grandão e o pai era baixinho. Um dia ele fez isso: “Arlete, vai pegar o balde d’água.” Fui, peguei o balde d’água e ele jogou nele. Só que o Demétrio ficou doido, veio e deu um soco no pai; e o olho dele ficou todo roxo, um tempão, e o pai ficou doido. Nessa hora saí correndo e o pai foi no depósito dele e pegou uma corda. “Por que agora eu mato, agora eu vou lhe

matar.” E Demétrio era assim, bebia e quando ele deitava, morreu; pois podia fazer o que quiser porque ele não acordava. (Arlete).

As negociações e mediações para solucionar conflitos eram empreendidas por Arlete e pelos vizinhos que apaziguavam as relações estabelecidas pelo patriarca da família, Victor, preocupado com os caminhos que o único filho homem estabelecia para si. Victor tentava atribuir outros afazeres para o filho como mecanismo para controlar a pulsão que este tinha para o álcool.

Ficaram um tempão sem se falar e depois o Demétrio foi pedir desculpas, chorou porque deixou o olho dele preto: “Não respeita o pai, como é que pode.” Ele estava bêbado. Sei que ele passou uma semana sem beber e depois começou tudo de novo; ele bebia de segunda a segunda, era alcoólatra. Começou a beber por volta dos quatorze anos. Ia trabalhar com o meu pai na serralheria, e no trabalho dele todo mundo bebia um golinho, lá, levaram o Demétrio para beber um golinho. Ele gostou e continuou, ficou alcoólatra mesmo. Às vezes caía pelas ruas e o povo dizia: “Seu Victor, o seu filho está caído em tal lugar.” Daí ia o pai buscar ele. (Arlete).

Divergências foram acionadas por meio de práticas, porém, depois de um período de suspensão da ordem, o convívio foi reativado, como se fosse um ciclo em constante movimento. A rotina familiar foi afetada com o falecimento de Demétrio e novos sentimentos de culpa surgiram como mecanismo para diminuir a dor.

Ele morava nessa casa, na parte de fora, até os últimos anos dele. Acho que morou um ou dois anos só, porque fiquei três anos morando fora. Ele morreu e tiveram que chamar um camburão para limpar, pois quando se morre em casa faz autópsia, é horrível. Sei que foi uma coisa muito ruim para todos. Nessa época, a Angélica não falava comigo porque tinha saído de casa e não podia opinar em nada. Ai que coisa chata. Meu pai estava triste, a Haidee, todo mundo. (Arlete).

Os conflitos foram reparados entre todas as irmãs no funeral de seu pai, Victor, quando resolvem fazer um balanço das relações intergeracionais. Mudando o tom narrativo, Arlete resolveu discorrer sobre as fases de sua adolescência em que interagiu com suas sobrinhas, filhas de Marta, mas reclamou da aglomeração de tarefas domésticas que desempenhou em sua juventude.

A adolescência também foi legal porque o meu pai tratou a gente diferente da forma como tratava minhas irmãs mais velhas. Quando elas eram adolescentes não podiam nada, e a Marta até fugiu de casa numa época e quando voltou estava com a Míriam, sua filha mais velha, andando. A gente podia muita coisa, apesar da gente não poder sair de noite, não poder namorar, não poder nada dessas coisas, mas mesmo assim, eles deixavam a

gente ir para o parque da Previdência, ir passear: “Ta bom, pode ir. Tem que conhecer o mundo, tem que passear.” Aí as minhas sobrinhas, a Míriam, a Milene, a minha irmã Haidee, éramos da mesma faixa etária, mas eu era a mais velha. Nesse período, a mãe já tinha falecido, e isso foi quando tinha uns treze anos. Foi um momento super triste, também, porque foi logo no começo da adolescência e a gente sente muita falta da mãe nesse momento. Tudo sobrou para mim em casa, porque a Haidee era menor e não tinha cabeça para fazer as coisas. Quando ia fazer arroz, queimava; fazia feijão e queimava. Tinha que fazer comida porque o pai tinha que almoçar meio dia e tinha que dar comida para os pedreiros, tinha que ter almoço para a Angélica, para o Demétrio e para todo mundo que ia trabalhar na construção. Além de lavar aquele monte de roupa, pois todos os serviços que eram da minha mãe passaram para mim e para a Haidee, mas só que ela não fazia bem; a gente dividia. (Arlete).

Por mais que as relações familiares estivessem permeadas por conflitos, Haidee resolveu, por meio de seu relato, enviar um recado para a sua irmã Angélica e tentar reparar suas divergências. A trama familiar é desencadeada por sutilezas propagadas pelos narradores da família Patzi, que tentam uma reconciliação com os membros da família.

Como não pude conviver muitos anos com a minha mãe, o pai e a Angélica estavam sempre presentes, dizendo: “Come de boca fechada. Ah, não vai fazer isso, toma cuidado.” Vários toques de educação, de respeito ao próximo, acho que foi tudo passado por eles. A Angélica me ajudou muito porque, no fim, como era a mais nova, era a pessoa que tinha como exemplo. Porque ela trabalhava e eu era pequena e falava: “Quando crescer quero trabalhar.” Tipo, querendo ser igual à Angélica. Eu via ela chegando em casa e contando os casos do trabalho dela, ela tinha as coisas dela, a roupa dela, a maquiagem, os sapatos, essas coisas; além de estudar. E achava muito legal a forma que ela vivia naquela época, tinha ela como uma pessoa, uma coisa que queria ser. (Haidee).

Em seguida, a narradora descreveu o momento em que todos foram viver suas vidas, já na fase adulta. A rotina do trabalho e as obrigações que cada um passou a desempenhar com suas novas famílias afastou, temporariamente, os irmãos que se reencontrariam depois de anos. “E acho que isso teve, em parte, a influência do meu pai, mas aí, depois de anos, a gente acabou – todas nós –, acabamos nos separando da família. Tem um momento da história que ficamos cada um no seu canto, vivendo as suas vidas.” (Haidee).

Segundo a irmã brasileira, Angélica tinha um temperamento forte e impositivo, o que gerava várias interpretações por parte da família. O diálogo era sempre uma barreira

a ser transposta, pois negociar com a irmã se transformou em um obstáculo devido ao tipo de educação clerical que recebeu no colégio de freiras.

Nunca vi Angélica com ninguém. Quando era pequena, a via sair para a casa de amigos e me levava, às vezes, à casa de uma amiga dela que morava ali no bairro mesmo. Mas, assim, nunca vi ela saindo para ir em festas ou alguma coisa nesse sentido; namorado, também nunca vi. Era muito fechada e é muito difícil de ter um diálogo com ela... Acabou cuidando do meu pai, se dedicando a ele porque foi ficando cada vez mais fraco e frágil, mas tinham altas brigas porque a Angélica sempre teve autoridade de querer que ele fizesse as coisas e ele não queria fazer. Muitas vezes, ele até estava errado porque ele comia um monte de gordura e ela não podia deixar. Sei que no fim ela acabou, como não casou, acabou ficando com ele mesmo. (Haidee).

Com o advento da idade e dos problemas de saúde do patriarca familiar, as irmãs e sobrinhas reaproximam-se e juntas tentaram esquecer os ressentimentos em prol de um bom relacionamento familiar, uma vez que na doença é necessário unir forças para permanecerem perseverantes.

A gente ia visitá-lo no hospital e todo mundo ia junto, todas as irmãs, todos os dias. Foi muito bom nesse sentido da gente se reaproximar, embora não esteja sempre lá na casa da Marta, nem ela vem aqui, e nem esteja na casa da Angélica direto, mas ficou uma coisa melhor do que estava antes. Antes era meio esquisito, porque ela se afastou e tinha um clima meio ruim por trás. E agora não. Agora, ficou tudo mais claro. A Angélica, a Arlete, aos poucos foram mudando. E para ela acho que foi muito difícil a vida. Não sei como é a cabeça dela, porque nunca conversei com ela e não sei o que passa ali dentro. Lógico que sei que em relação ao meu pai todas nós sofremos muito e é muito triste saber que não tem mais o nosso pai, mas digo não só ao meu pai... Fora o meu pai, o que passa ali dentro? Pela vida que ela viveu, pelas coisas, sei lá. Será que ela é feliz? Será que não é feliz? O que será que ela quer fazer ou não quer fazer? Eu não sei. E é uma pessoa que às vezes é meio estranha para a gente porque não a conhecemos, mas quem sabe com o tempo a gente volte a se reaproximar mais ainda. (Haidee).

Haidee rememorou as boas lembranças do seu irmão Demétrio, sobre as suas aspirações por música, pintura e como, sempre que possível, ele ajudava a família.

Acho que o Demétrio poderia ter sido uma grande alegria para o meu pai por ser homem, ele queria que o filho dele tivesse sido diferente; o único filho homem. “No meio de tantas mulheres, ele vai ser a pessoa que vai orientar e ajudar, caso ele não estivesse presente!” Não foi isso que aconteceu com o Demétrio. Quando ele estava bem, o meu pai sempre estava junto dele nos trabalhos. O Demétrio ajudava muito, era o parceiro. Diferente de mulher. O pai só vivia envolvido em construção, tinha que carregar não sei o quê, fazer não sei o quê, coisa de pedreiro, e ele era o braço direito, entendia das coisas, ia comprar, voltar... Foi uma perda muito difícil. (Haidee).

Demétrio foi o filho boliviano que não conseguiu se encontrar. Suas irmãs descreveram a falta que provocou na família. Deslocado e exilado de sua tradição e com uma grande força para as artes plásticas não conseguiu, por muito tempo, priorizar a veia artística que detinha e aos catorze anos começou a beber nas rodinhas de amigos. Tornou-se alcoólatra e faleceu aos 44 anos de idade. Uma pulsão artística transformada em tragédia. Quando as irmãs brasileiras narravam a história de Demétrio, um ar melancólico emergia nos discursos e, aos poucos, iam calando até silenciarem totalmente. Porém, a memória do irmão boliviano foi lembrada com alegria por Haidee; dos momentos que ouvia ópera e música clássica com ele, quando ele desenhava e dedicava as imagens a ela. As identificações artísticas entre os dois irmãos reaproximam uma memória que não foi apagada.

No decorrer da entrevista de Míriam, filha mais velha de Marta, um segredo de família foi revelado, possibilitando o entendimento das atitudes rígidas com as quais Marta criou seus filhos. Vejamos o que a filha disse sobre um momento de sua vida.

Tem uma coisa que acabei não contando sobre a questão familiar. Quando estávamos preparando a documentação para ir para a Espanha, a nossa certidão de casamento, a gente acabou esquecendo o detalhe da paternidade. E como não existe uma relação de proximidade, não há afetividade, acabei deletando o pai biológico da minha cabeça. Talvez na minha infância, ou quando era da idade do meu filho. até a minha mãe vir falar comigo, fiquei sem saber o que dizer. Cheguei a cogitar com o meu avô, meio que escondido da mãe e dos irmãos; mas o meu avô se esquivava: “Isso é assunto entre você e sua mãe.” E o tempo vai passando e na época você fica meio assim, pois você sabe que a sua mãe não quer falar a respeito, não tem boas lembranças ou não quer dizer mesmo. Quando você se torna um adulto, quando você já possui a sua família, muito menos.

Eu ficava pensando: “Como é que vou querer ter algum sentimento por uma pessoa que foi só citada e tal?” Por que quando a minha mãe casou com o Marcos ela já me tinha; ele me assumiu como filha. Eu não convivi com o pai biológico. Acho que se eu quisesse, quando criança ou adolescente, conhecer essa pessoa, a minha mãe tivesse tido outra postura. Mas via que esse assunto era um sofrimento para ela. Cresci sabendo que o Marcos não era meu pai, mas não desde criança. Contaram na transição de adolescente para adulto. E acabei apagando essa história da minha vida. (Míriam).

Acreditamos que os segredos familiares, nesta pesquisa, só puderam submergir à esfera discursiva em virtude da confiança e mediação construídas entre as partes envolvidas. Só depois de dois anos de diálogo, encontros e conversas, determinados discursos foram revelados pelas irmãs de Marta e por sua filha Míriam. Em face da

educação rígida de Marta e de seu comprometimento em repassar a tradição boliviana, herdada de seu pai, a filha de Marta revelou um segredo (pois no tempo em que ocorreu foi um escândalo familiar, mas nos tempos modernos, quem não conhece alguma mulher que teve sua maternidade negada por um homem).

As explicações estabelecidas pela narradora se atrelam aos argumentos quando disse que a “vida é cíclica” e, como tal, a experiência que sua mãe teve ao ser mãe solteira, a vergonha que teve que carregar ao assumir, ainda adolescente, a responsabilidade de criar uma criança, refletiu na personalidade de Marta. Ter um filho de um pai ausente acabou construindo um ressentimento na vida da colaboradora; e esse assunto se tornou um tabu entre as partes envolvidas na família. Quando esse fato foi revelado, entendi sua rigidez no tratamento da vida afetiva das filhas, pois não queria que sua experiência de maternidade fosse refletida na vida delas. Para a tradição familiar boliviana, a afetividade deveria estar atrelada aos moldes sociais: crescer, estudar, casar, ter filhos... O seu medo estava atrelado à relação de segurança que o casamento pode proporcionar a uma família. Não podemos deixar de citar que essa é uma visão muito conservadora de instituição familiar.

Ela queria que fosse tudo desse jeito: namorar, noivar, casar e, depois de uns quinze anos, terem um filho. E eu não queria isso para minha vida, talvez até quisesse casar, mas não que fosse uma trilha a seguir. Queria que isso acontecesse de uma forma bem legal, mas bem casual, uma coisa que não fosse pensada. Eu queria viajar muito, queria ter saído muito, ter ido para muita festa. Queria fazer essas coisas, ter um pouco de autonomia, ser mais independente. Na época, era muito dependente e ela queria muito que fosse dependente. Queria ter essa virada, pois quando comecei a trabalhar precisava de grana para fazer o cursinho, também precisava de grana para mim, mas também para me sentir um pouco independente. Conheci o Douglas, engravidei do Douglas, e isso foi em três meses, tudo escondido. Minha mãe viajou para a Bolívia, lembro até hoje, era em setembro, era no dia 7 de setembro ou perto do dia 7 de setembro, já estava grávida fazia um mês. Não sabia como contar para ela, não tinha ideia de como contar porque sabia que a minha mãe ia surtar, ia me bater, ia acabar com o mundo. “Meu Deus, vou ter que falar com o meu pai, então.” Vou ter que falar com ele, porque o meu pai é mais tranquilo, é mais sossegado. “Não! Vou contar para o meu pai”. (Milene).

Os hábitos que guiam o comportamento de uma pessoa estão atravessados pelas diretrizes educacionais que compartilha. As práticas educativas são repetidas, construídas por meio de discursos, por vezes, coercitivos, repassados para as gerações

posteriores na migração e no processo de deslocamento. Porém, as negociações foram vividas por todos os integrantes da família Patzi, inclusive depois do falecimento do patriarca boliviano da família, sendo todos mobilizados, questionando as bases educativas, avaliando, assim, os projetos pessoais e o projeto familiar que o patriarca almejou para cada uma das filhas, já que o filho Demétrio havia falecido.

No final das contas a gente passou a vida inteira obedecendo, fazendo aquilo que ele achava certo. Ele achava que a minha mãe tinha que cuidar dos filhos, tinha que cuidar do marido, tinha que cuidar das coisas para a casa, e ela fez isso. Ele achava que a minha tia Angélica deveria cuidar dele, a irmã da minha mãe por parte de mãe e pai, apesar dele falar sempre, muitas vezes: “Vai viver a sua vida, vai casar, construir seu caminho.” Mas ele precisava de alguém perto dele e ela é que se dispôs a ficar. No começo, talvez por necessidade, e depois por que ela se acostumou, não saiu mais do lado do vô Victor. Na época, não tinha muitas alternativas. As outras irmãs, uma foi casar, acabou indo morar com o atual marido dela, e ele achava que ela tinha que ser enfermeira e ela foi e fez enfermagem. À outra tia: “Você tem que ficar com o seu marido.” Apesar dela não ser extremamente apaixonada, mas o cara é mais velho, é o dono da empresa que ela trabalhava. E ele achava que tinha que ter essa segurança. “Olhe, você tem que fazer isso, tem que ter essa segurança, senão a sua vida não vai dar certo.” Então, assim, sempre disse o que todo mundo tinha que fazer, com ele ausente ou cada vez mais debilitado, ficou todo mundo meio desnorteados, sem saber direito o que fazer. (Milene).

Dúvidas e indagações são lançadas para todas as mulheres do clã, questionando o porquê de cada uma assumir determinados papéis sociais e outras, como Haidee, irem viver suas vidas de forma “livre”. A negociação familiar foi lançada, se haverá uma reparação entre todas as partes, não sabemos dizer, mas os sujeitos envolvidos na trama familiar sabem que repensar suas práticas e aceitar, por vezes, o esquecimento, é necessário para construir caminhos para o futuro.

Começamos a nos encontrar e perguntar por que uma teve que abrir mão de toda vida. Aí a outra vai e fala: “Não, mas ela abriu mão porque ela quis, ela não tem que ficar flagelando, não tem que ficar questionando, não tem que ficar achando nada.” A outra: “Olhe, eu não pude ficar tanto tempo com ele porque tinha a minha vida para viver.” A minha mãe: “Puxa, não fiquei tanto tempo quanto precisava ficar com ele.” É complicado. A gente tem muita coisa para acertar entre irmãs e tias. E é muita vida ainda; pelo menos vejo as coisas acontecendo com ela e sei que tenho parte naquilo, eu sei que muito do que está acontecendo faz parte de mim mesma, faz parte do jeito que eu sou e, ao mesmo tempo, me sinto amarrada por várias coisas. (Milene).

A narradora Milene fez uma reflexão sobre a interiorização das culpas que assumiu no decorrer do tempo, percebendo que tal postura pode prejudicar até mesmo a

relação que passou a desenvolver com seu filho. Desse modo, percebemos que as práticas estabelecidas em família são construções sociais e discursivas desenvolvidas por seus integrantes que reconstróem vínculos imaginados de uma comunidade, na qual há uma constante mediação entre todos sobre os valores que são legítimos e que devem ser estabelecidos intergeracionalmente.

3 QUESTÕES DE GÊNERO

Estes relatos apontam para a mudança do processo de formação de identidade entre o grupo familiar de bolivianos que veio para o Brasil e o novo grupo que foi constituído no lugar de destino. Outro aspecto fundamental é a redefinição das identidades culturais e nacionais e, a reconfiguração dos papéis de gênero que a imigração mobiliza. De tal modo, outro conceito acionado pelo processo migratório é o pensado pela psicóloga Fabiana Chirino ao estudar as famílias transnacionais é de *duelo migratório*

partir requiere capacidad para dejar a los que se ama, para soportar la ruptura con una vida que en muchos casos se creía garantizada, o iniciar una nueva vida, emocionante o enigmática. Em todos los casos, la perdida desencadenará un proceso de reorganización afectiva que se denomina *duelo*. El término *duelo*, proveniente del latín *duellum*, significa guerra, combate; lo que nos remite a un “conflicto o pelea entre dos, a consecuencia de un reto o desafío”. Así, el duelo implica un conflicto entre dos aspectos: entre el deseo de retener lo perdido, de retornar al lugar de origen; y el deseo de conocer, crecer y cumplir metas. Es un conflicto entre lo que se deja y lo que se quiere lograr, entre el yo y el objeto, entre la realidad vivenciada y la deseada. Es un combate entre dos fuerzas que después de la lucha deberán dar paso a un reequilibrio o adaptación del sujeto a la nueva situación. Sin embargo este proceso no está exento de sentimientos de dolor, lástima o aflicción, lo que nos conduce a outra de las acepciones del duelo: *dolor*.⁸

Assim, podemos dizer que a *duelo migratório* sentido pelos narradores dessa pesquisa é uma espécie de contradição permanente entre o anseio de ficar com seus familiares e o dever de construir alternativas de sobrevivência e construção de projetos pessoais, familiares fora de seu lugar. É uma espécie de situação existencial que conduz as pessoas a criarem estratégias de mudança para suas vidas.

⁸ CHIRINO, Fabiana; JÁUREGUI, Maggie; JORDÁN, Nelson; HOLLWEG, Karin. **Huellas Migratorias: duelo y religión em las familias de migrantes del Plan Tres Mil de la ciudad de Santa Cruz**. Santa Cruz: Fundación PIEB, 2009. P. 51.

No livro que publicamos fazemos uma leitura complexa da migração, ou seja, nós incorporamos a teoria da complexidade para poder entender um fenômeno atravessado por múltiplos fatores sócio histórico, socioeconômico, psicológicos e também histórico pessoal, ou seja, varia as condições de como se dá a migração. Enquanto a migração latino-americana tem sido caracterizada por causas econômicas, não porque estamos vivendo em países em desenvolvimento onde há crises que nos afetam; e a Bolívia é um país que viveu várias crises econômicas em seu percurso histórico. Então, na medida em que há pólos de atração; sem trabalho, as pessoas migram, não porque começaram a viver pior, vivem como viviam sempre, e podem continuar a viverem assim; mas surgem outros pólos de atração como para se obter uma melhor perspectiva econômica e social de vida. O fator econômico é fundamental, mas ele está ligado ao avanço social, e não importa se estou indo limpar o chão em outro país, não importa se vou trabalhar e me submeter a situações de quase escravidão, mas vou juntar um capital e retornarei com outro estatuto social no meu país. E outra questão relevante é a ascensão econômica e social que consigo ao migrar. Isso é importante. (Fabiana Chirino)

Outro fator que vem crescendo no cenário global dos processos migratórios e no contexto boliviano e tem se tornado um forte vetor é a feminização da migração. Com o processo de ascensão feminina no mercado de trabalho, aumentou o número de mulheres, inclusive, de mulheres que se tornaram provedoras das famílias; além do vetor de que no processo migratório dos bolivianos para a Espanha, a grande parcela é de mulheres devido ao fato dos setores de trabalho que antes eram disponíveis no mercado europeu, tais como: empregadas domésticas, babás e cuidar de idosos. Esse processo de feminização e das mudanças de papéis no cenário da migração foi exemplificado por Fabiana Chirino.

Também temos encontrado, porque nos Estados Unidos há um fenômeno adicional que é a feminização da migração. Quem migra? Mulheres. Então, nessa migração invertem os papéis das mulheres dentro da família que ficou, e isso modifica o relacionamento, mexe nas relações de poder. Pode perturbar a família porque a pessoa que migra coloca, investe dinheiro na família, e com isso, atinge o status e pode fazer o que quiser. Veja, existem transformações, a mulheres migram e por vezes encontram parceiros temporários nos países receptores; o parceiro continua a sua relação, mas não se separam, pois o homem que ficou necessita do dinheiro. Então, existe uma liberdade econômica e sexual das mulheres na migração. As relações se transformam, então, nesse contexto de feminização temos encontrado que, às vezes, a migração é uma forma de sair de relações familiares conflituosas. Como nunca poderiam se separar, mas agora que o meu amigo se foi, eu também vou. Migrar é uma maneira de desvincular-me da relação que não suporto, mas que tampouco quero romper, pela família, pelos filhos, e por outros fatores. (Fabiana Chirino)

A reconfiguração familiar no contexto migratório mexe nas relações de poder outrora constituídas, onde a distância faz com que o sujeito amplie o campo de análise sobre os papéis desempenhados na família e, ainda, faz com que os sujeitos envolvidos no processo produzam novas concepções de si mobilizando as posturas e poderes envolvidos. Uma vez que os sujeitos iniciam o processo migratório, as percepções outrora “engessadas” são postas à crítica fazendo com que tanto quem fica nos países de origem quanto quem parte para seus lugares de destino não sejam mais os mesmos, pois o processo migratório modifica as relações de parentesco e relações sociais estabelecidas. Percebemos essa modificação no discurso de Jenny Caballero, que veio para o Brasil para casar com um filho de boliviano, mas que ao chegar ao Brasil passou a tecer críticas à constituição da família boliviana, principalmente, ao caráter conservador e machista da mesma.

Então, a emigração também é uma saída individual para resolver os conflitos. Pensamos a emigração como algo complexo, mas não vamos considerar como fator unicausal e sim, multicausal, são muitos fatores, e não há como coordená-los porque não há como coordenar a vida, mas o contexto sócio-histórico coordena; e nessa relação se dá a migração. E isso mostra que o esquema não é somente a emigração e várias flechas, mas são coordenadas que cruzam, atravessam a vida de uma pessoa e que a leva a tomar a decisão de emigrar. E migram não os mais fracos, mas aqueles que têm alguma resistência à frustração, mesmo aqueles com recursos econômicos, porque você tem que ter dinheiro para comprar a passagem, você tem que ter algo para se respaldar. Então, é uma garantia, vou deixar a minha casa, emprestar dinheiro; como a emigração de classe média, porque a classe baixa não pode fazer isso, não tem dinheiro para a passagem, não pode fazer nada, nem emprestar dinheiro para a viagem. (Fabiana Chirino)

A perspectiva subjetiva elencada por Fabiana Chirino revela que as pessoas desenvolvem alternativas para lidar com a frustração, pois o que fazer ao terminar um curso de graduação e não ter campo de trabalho no departamento ou país que vive? Essa foi uma pergunta realizada por um engenheiro boliviano que reside em São Paulo. Disse que resolveu vir para o Brasil realizar um curso de pós-graduação para poder encontrar uma forma de “manter seus sonhos vivos”, pois no estado do qual saiu, Cochabamba, não conseguia emprego e seria mais um graduado no setor informal da cidade. Percebemos que independente do estamento social do qual a pessoa partiu, uma grande parcela de jovens bolivianos tem construído alternativas de projetos para o futuro na prática da migração internacional.

A redefinição dos papéis de gênero no processo emigratório é fundamental para se entender as novas configurações que ocorrem na relação familiar, assim como, no empoderamento que a pessoa a passa ter, principalmente as mulheres, na composição de renda para a sustentabilidade do núcleo grupal. Tal modificação desestabiliza as relações de poder constituídas e estabelece, em algumas situações, a paridade de papéis na responsabilidade que os novos sujeitos assumem nos países de destino. Assim, a pesquisadora Elisa Saldías relatou o que mudou em relação aos contextos familiares.

Acredito que o tipo de família da atualidade, a família como grupo social tem mudado, hoje não falamos mais de família nuclear, falamos de família estendida, falamos de famílias transnacionais, falamos de famílias reestruturadas, há uma série de coisas, e o que está em crise hoje é a família como instituição social; e esse paradigma da família unida, da família nuclear: papai, mamãe e filhos, onde o pai era o provedor e a mãe era abnegada e sacrificada, e os outros se ocupavam da economia familiar, do cuidado, esse tipo de família como instituição social é que está em crise e está mudando, e as relações mudaram. Também mudou em relação aos direitos das pessoas com orientação sexual diferente da orientação heterossexual conservadora; e acredito que isso é que está em causa, e não a família como grupo social primário quando se verifica claramente a construção e reestruturação de funções nas relações de afeto, de empatia, etc. Mas essa família nuclear baseada no parentesco como função fundamentalmente da reprodução, está em crise e a migração tem visualizado e demonstrado essas mudanças, ainda que seja uma família como instituição social tradicional. (Elisa Saldías)

A reconfiguração do indivíduo muda no processo de migração, pois as pessoas modificam sua relação com o mundo, sua relação consigo mesmo e com seu entorno. Há uma reestruturação dos papéis sociais por meio de processos de negociação. Segundo Elisa Saldías, não é possível dizer que migração ocasiona processos de separação entre casais, ou, entre a família no plano afetivo, pois o fator que deveria ser levado em consideração seria o projeto familiar e o projeto migratório acionado no processo de deslocamento.

As questões da separação da família e dos números de divórcios aumentam com a imigração; e isso é o que pesquisamos sobre famílias reestruturadas. E isto segue uma lógica, que é a construção social. E como sou socióloga, então, a interação social é que constrói, desenvolve relações de empatia, e outras realidades da vida cotidiana diferentes dessa relação de afeto, de amor, de empatia vai mudando. Essa pessoa que migrou passa por um processo de mudança, por um processo de urbanização que vai modificar a sua personalidade social. Uma pessoa que viveu na Espanha por três ou cinco anos ou no Brasil pode voltar para o seu lugar de origem, e não vai viver de novo como vivia com os seus parentes, porque tem uma experiência diferente

e vai encontrar muitos problemas nesse nível, e possivelmente os dois ou todos mudaram. Não diria que a migração contribuí, e sim, que é parte desse processo, e o casamento e a construção de uma unidade, da empatia, do amor é parte do cotidiano. Mas o divórcio não é somente ocasionado pelo fator migração, às vezes, tento desmitificar por meio do meu discurso que a migração não está criando uma separação. Quando fazemos uma análise da taxa de divórcios e a quantidade de famílias, onde um casal depois de cinco anos, resolveu migrar por razões de seus projetos de vida ou por projetos em conjunto no âmbito da vida de diferentes; e isso é um fator básico aqui em Santa Cruz. (Elisa Saldías)

O importante ao analisarmos os deslocamentos atuais é perceber o projeto migratório estabelecido pelas pessoas, pois os mesmos configuram os ideais dos sujeitos para compor suas perspectivas de futuro. Apesar de o indivíduo fazer suas escolhas em contextos específicos, suas ações são contingenciais, principalmente, no campo dos estudos migratórios, no qual o social e o psicológico interferem nos posicionamentos dos sujeitos.

É necessário dizer que a migração internacional é um processo que apesar de iniciar no país de origem, requer para sua materialização motivações e meios para agenciar o deslocamento, “*sentimiento de insatisfacción o precariedad (objetiva o no) y expectativas de cambio y ascenso social, antecedentes migratorios en la familia, circulo de amigos o el vecindario, presión social y posesión de los recursos mínimos necesarios para emigrar*” (CHIRINO, 1998, p. 26, grifo da autora). Assim, percebemos que o fenômeno migratório é “multicausal e complexo”, onde os seus vetores estão influenciados por aspectos históricos, pessoais, culturais, econômicos e subjetivos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ALBÓ, Xavier; Sandoval, Godofredo; Greves. **Chuquiawu: La cara aymara de La Paz**. La Paz: CIPCA, 1982.

CHIRINO, Fabiana; JÁUREGUI, Maggie; JORDÁN, Nelson; HOLLWEG, Karin. **Huellas Migratorias: duelo y religión em las familias de migrantes del Plan Tres Mil de la ciudad de Santa Cruz**. Santa Cruz: Fundación PIEB, 2009.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

_____ Quem precisa da identidade? In: **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (Org.) SILVA, Tomaz Tadeu da. Woodward, Kathryn. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____ **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HINOJOSA GORDONAVA, Alfonso R. **Buscando la Vida: familias bolivianas transnacionales en España**. La Paz: CLACSO: Fundación PIEB, 2009.

_____ **Migración Transnacional y sus efectos en Bolivia**. Las Paz: Fundación PIEB, 2009.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.) **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

LEVITT, Peggy; GLICK, Nina Schiller. **Perspectivas internacionales sobre migración: conceptualizar la simultaneidad**. In: Migración y Desarrollo. 2004

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____ **Manual de História oral**. 5 ed., São Paulo: Loyola, 2005.

_____ Palavras aos jovens oralistas: entrevistas em história oral. **Oralidades**: Revista de História Oral, São Paulo, Ano I, n. 03, jan./jun. 2008, p. 141-150.

_____ Mas há fronteiras? **Migrações internacionais: desafios para o século XXI**. São Paulo: Memorial do Imigrante, p.31-50.

PAES, Vanessa Generoso. **Trânsito de Identidades e Estratégias de Negociação Familiar: deslocamentos populacionais entre a Bolívia e o Brasil**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração**. In Rev. Bras. Hist., 2002, vol.22, no.44, p.341-364. ISSN 0102-0188.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.